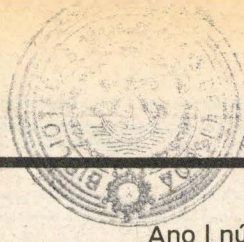


DEPÓSITO LEGAL
-O. NOV. 1976



O PAÍS

Ano I número 44
Preço: 10\$00
semana de 5
a 11 de Novembro
1976

José Vacondeus Directores Vera Lagoa

A carta de Lopes Cardoso

SENHOR Primeiro-Ministro, Camarada Secretário-Geral: Como membro do Governo e militante do Partido Socialista, é na sua dupla qualidade de Primeiro-Ministro e Secretário-Geral que lhe dirijo esta carta. Carta que não é um acto irreflectido, mas fruto de muita meditação e que escrevo com perfeita consciência, da responsabilidade que assumo perante o País, perante o Partido e perante o Governo. Numa moção de orientação que, com outros camaradas, apresentei ao Congresso, dizia-se que, sendo a política do Partido no sector agrícola alvo de ataques e fonte de

continua na pág. 16

Mário Soares no II Congresso do PS:

«Então onde é que estão as dúvidas?»

NUM fim-de-semana de Congressos em que, especialmente o do Partido Socialista, determinou a clarificação de posições dentro daquela organização política, os dias que se seguiram determinaram, ao nível do Governo, o que se espera tenha sido a primeira mutação nos quadros que formam a equipa do primeiro-ministro do Gabinete constitucional.

ção) sofrida no Congresso, tomou a atitude esperada há longo tempo e fê-lo—temos que o reconhecer— com a dignidade própria de quem, discordando com aquilo que se chama de «sectores moderados», aceitou democraticamente a vontade da maioria. Por isso se demitiu. Mas, no que se refere ao problema nacional, aquele que interessa a todos os portugueses, independentemente das suas opções partidárias, poderemos repetir uma pergunta semelhante à que fez Mário Soares no Pavilhão dos Desportos.



Se Lopes Cardoso se demitiu... mas Melo Antunes falou?

De facto, quando o presidente da Comissão Constitucional, o major Melo Antunes, no momento da sua tomada de posse, perante o Presidente da República, fez um discurso que, logo de seguida, provocou comentários discordantes, como foi o caso do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Morais e Silva, que, não tendo estado presente no acto ocorrido no Palácio de Belém, classificou as declarações de Melo Antunes como tratando-se de «uma manobra que pretende rescusitar o vanguardismo do Conselho da Revolução» e uma forma de se imiscuir nos órgãos de soberania «rebaixando-os em relação ao Conselho da Revolução», ao mesmo tempo que, segundo o mesmo membro do CR, se «pretende projectar a Comissão Constitucional para funções que lhe não são atribuídas pela Constituição e, mais grave do que isso, pretende-se desprestigiar a figura do Presidente da República, comparando os dois discursos», quando o próprio general Ramalho Eanes, auscultado pelos jornalistas acerca das declarações do chefe de Estado Maior da FA, afirma que «se o sr. General considera assim, é a sua opinião pessoal», quando o comandante da Região Militar de Lisboa, general Vasco Lourenço, não deixou de dizer «eu gostei do discurso» e quando é

o próprio Melo Antunes, vencida que foi a barreira do seu corpo de segurança, a não pretender prestar quaisquer declarações ao jornalista, alegando que «não podia emitir opiniões sobre matéria que não conhecia», quando tudo isto se passa, exactamente na semana em que outros factores terão contribuído para uma certa «dramatização» política—muito embora Mário Soares tenha considerado o caso Lopes Cardoso como «um acidente de percurso»—, maior consciência política deverão tomar os portugueses e, no caso da reforma agrária, seja Henrique de Barros ou outro governante socialista a tomar conta de uma pasta tão difícil e tão controversa, terá a Constituição que ser cumprida, não se podendo permitir a proliferação de latifúndios de Partido ou de Estado.

E em qualquer das circunstâncias, todos, Governo e os restantes órgãos da soberania—numa palavra, o Povo—se terão que empenhar, agora e numa situação que, se apresenta diferente, malgrado o aparecimento de tentativas de poderes paralelos não eleitos pelos portugueses (ou até talvez por isso mesmo), numa luta sem quartel, num comportamento que leve à única e verdadeira forma de convivência política que desejamos para Portugal:

a via democrática, a liberdade!

«Revolucionários» que eu conheci

Miguel Urbano Rodrigues ou sob o signo da traição

AQ TOCAR neste “revolucionário” sei ao que me arrisco. No mínimo, na melhor das hipóteses, a que me põham uma bomba... Que será, evidentemente, posta pelos bombistas do Norte, pelos reacconários e até pelo Mota Freitas... Já estou habituada. Às calúnias e às bombas. O medo não é a minha característica principal. Por isso, vamos ao assunto.

Tenho pena. Estes manos Rodrigues (que me perdoe o Jorge que não me parece seja do PC) têm dado mais que falar do que as irmãs Remartinez. Salvo seja. E daí...

O Miguel, um dos homens com mais “charme” que eu encontrei neste País, nasceu traidor. Podem testemunhá-lo os seus antigos colegas do “Diário de Notícias”, do “SNI” da “Agência Geral do Ultramar”. Pois claro. O Miguel, ao dinheiro, nunca disse: não! Bem pelo contrário. Os seus interesses financeiros foram sempre bem acautelados. Como vamos ver.

Também tenho pena (por várias razões) que tenha morrido Jorge Felner da Costa, o seu maior protector no “SNI”, que poderia prestar um bom depoimento. Mas o Jorge morreu e o seu protegido não foi ao seu enterro. Claro! Que havia de dizer o Partido?

E se deixassemos os lugares do fascismo desempenhados por Miguel e saltassemos para a chamada **grande traição**, o chamado caso do “Diário Ilustrado”? Estou à vontade para falar do assunto. E ainda há tantas testemunhas!

continua na pág. 24

Vera Lagoa

Galvão de Melo: «Alguém que não é democrata»

A PROPOSITO do polémico discurso do major Melo Antunes no acto de posse da Comissão Constitucional, quisemos ouvir a opinião de um outro militar. Daí, a razão do general Galvão de Melo nos prestar as seguintes declarações:

«Nomear presidente da Comissão Constitucional o homem que mais tem feito para tentar submeter os portugueses à tirania imperial comunista de Moscovo é prova flagrante de que ainda não vivemos uma autêntica Democracia em Portugal; é prova flagrante de que não se respeita a vontade da Nação. Eleger para um cargo, cuja responsabilidade é defender as liberdades democráticas alguém que não é democrata e não merece crédito nem respeito é, em si mesmo, con-



traditório, senão absurdo»—assim se pronunciou Galvão de Melo sobre a pergunta que lhe dirigimos acerca da tomada de posse da referida Comissão, bem como também sobre o seu presidente major Melo Antunes.

«O PAÍS»—Mas foi o próprio Presidente da República que empossou Melo Antunes...
G.M.—É verdade que foi e não podia ser outro. As razões que poderão ter levado a semelhante acto—tão contrário à dignidade e aos interesses da Nação portuguesa—não sei, porque não as posso saber. Em verdade, nunca conheci Ramalho Eanes: nem antes nem depois que foi feito Presidente.

—Mas o senhor General certamente votou nele?...
G.M.— Não votei (sic).

É já finalmente na próxima semana que terá início o Grande Concurso

O NOSSO sensacional Concurso “FIGURAS E FIGURÕES” começa no próximo dia 12 do corrente!

Esta a grande notícia que temos hoje para dar aos nossos leitores. Leitores que, desde que a iniciativa foi por nós anunciada, há algumas semanas, não têm parado de nos demonstrar o seu interesse, através de numerosas telefonemas, cartas e postais, desejosos de saber quando se inicia o Concurso “FIGURAS E FIGURÕES”, como podem concorrer, quais são os prémios e toda uma série de perguntas a que, a partir de hoje, iremos responder, numa secção especial intitulada “Correio do Concurso”, que, desde já, está à disposição de todos.

Quanto à data do início, já a revelámos na primeira página: será de hoje a uma semana, ou seja, na próxima sexta-feira, dia 12 do corrente.

A forma de concorrer, e isto apesar de já termos falado a esse respeito, vamos hoje repeti-la, no interesse da multidão de novos leitores que, semana a semana, passam a comprar o nosso Jornal. Assim, quem desejar concorrer, terá apenas de proceder da seguinte maneira:

- 1 — adquirir semanalmente tantos exemplares de “O PAÍS” quantas as cadernetas com que pretenda habilitar-se aos prémios que vamos atribuir;
- 2 — recortar pelo tracejado os cupões-caricaturas a publicar no nosso Jornal;
- 3 — colar cada cupão-caricatura no rectângulo com o mesmo número, existente na caderneta;

- 4 — preencher, com o nome do caricaturado, o espaço em branco da quadra, no rodapé do rectângulo da caderneta; e
- 5 — aguardar a informação da data em que deverá enviar-nos a(s) sua(s) caderneta(s) para a morada que, na altura, indicaremos.

Pelo que acabamos de expor, verifica-se que os concorrentes podem habilitar-se aos muitos e valiosos prémios do nosso Concurso “FIGURAS E FIGURÕES” com as cadernetas que desejarem, bastando para isso que cada caderneta esteja completamente preenchida com os 36 cupões-caricaturas que, ao longo de 12 números consecutivos, iremos publicando no nosso Jornal.

Quer isto dizer que, em cada número de “O PAÍS”, serão publicados 3 cupões-caricaturas, durante o período compreendido entre 12 de Novembro de 1976 e 28 de Janeiro de 1977, após o que, e em data a anunciar oportunamente, se procederá à recepção das cadernetas e ao sorteio do prémios do nosso Concurso “FIGURAS E FIGURÕES”.

A esse propósito, desejamos informar de que, ao contrário de algumas iniciativas idênticas anteriormente realizadas, a fase seguinte à da publicação dos últimos 3 cupões-caricaturas, no número de 28 de Janeiro de 1977, será efectivamente a recepção das cadernetas, e não a repetição de todos os cupões-caricaturas, a pedido de muitos leitores que não puderam concorrer a tempo... Mesmo que tenhamos de a fazer, essa repetição processar-se-á de forma a não alterar o calendário que atrás indicámos e a cumprir tudo quanto até aqui prometemos e até lá fomos prometendo.

continua na pág. 17

Figuras & Figurões

CERTINA

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo

porquê?
para si qual será
a melhor explicação?

— a nossa, ou a do técnico
da sua confiança?

faça-lhe a pergunta,
ele lhe revelará o **porquê!**



FALAR

EM 15 OU 60 DIAS
CURSOS INDIVIDUAIS

O GARANTE DO SEU FUTURO
16 anos de eficiência

CLUBES
DE CONVERSAÇÃO

INGLESA, FRANCESA, ALEMÃ
E PORTUGUESA

Rua Rodrigues Sampaio 18, 3
Telef. 53 08 75

Inglês • Francês
Alemão • Português

«revolucionários» que eu conheci

Miguel Urbano Rodrigues ou sob o signo da traição



(continuação da pág. 1)

O «Diário Ilustrado»

Também muito por alto falei no caso, porque nele tive um lugar importante e não quero que digam que pretendo vingá-lo. Sou por ti, mas não sou uma traidora". Foi a minha sentença de morte, ou seja, o motivo do meu despedimento.

Passou-se mais qualquer coisa semelhante com um telegrama e Miguel, desenfreado, achou que eu ali já não servia. E que tinha de correr comigo para me substituir por alguém "que fosse por ele e que traisse o director". Desgrenhado, desviado, a gravata posta à banda (nessa altura Miguel Rodrigues usava gravata), entra no gabinete de Carlos Branco (onde eu estava) e disse apontando para mim: "Carlos, meu amigo, meu companheiro dos bancos de escola! Põe-me essa mulher na rua!"

O "amigo e companheiro dos bancos de escola" que tinha sido posto naquele lugar a conselho de Miguel, para mais facilmente obter o poder no Jornal, reagiu como nunca Miguel esperaria que ele fizesse. Deu-lhe um grito e disse-lhe: "Ponha-se você na rua, que eu não lhe admito esses modos, nem que fale assim desta senhora, que é minha secretária!". Claro, que Carlos Branco também assinou a sua sentença. Daí ao despedimento, foram poucos dias. Miguel, usando do seu "charme", tinha feito o devido trabalho junto da administração. Creio que para me despedir (pelo menos afirmaram-me há pouco tempo) teria dito à administração (de direita, evidentemente, o que não obstava a que ele trabalhasse para ela) que Maria Armada Falcão era uma mulher perigosa, de esquerda e filha dum deportado político!

Saíu Carlos Branco e saí eu. Foi nessa altura que Miguel tomou o poder em pleno. Demagogicamente, mandou pôr nas páginas do "Diário Ilustrado" uma secção em que se ofereciam, gratuitamente, as colunas do jornal a quem estivesse desempregado. Porque a situação dos desempregados o preocupava muito... Nessa noite não dormi. Escrevi o seguinte anúncio: "Ex-secretária da direcção deste Jornal, com as melhores referências, procura situação compatível. Resposta a.n.o 1"

Foi o diabo. Miguel explodiu. Berrou. Reuniu o Conselho de

Administração, tentando provar-lhes que eu estava insultando o Jornal, mas não havia nada a fazer. Era publicar e calar. Publicaram. E calaram. Nunca mais o "Diário Ilustrado" se preocupou com a situação dos desempregados... ele que tantos desempregados fizera em Portugal. Todos os dias alguém era despedido. Tinha chegado a minha vez...

Metzner Leone, de quem o Miguel era amiguíssimo (hoje, se calhar não lhe fala) disse-lhe: "Sabes que a Maria Armand, por tua causa, ficou desempregada e tem a mãe e o filho a seu cargo?" O actor, o "charmeur" Miguel Rodrigues, compôs uma figura compadecida e afirmou: "Que o mal que eu desejo à Maria Armada caia sobre a cabeça dos meus filhos". O Metzner gritou: "Coitadinhas das crianças!"

Até que, completamente mascarado, foi despedido, recebeu a sua indemnização (que eu nunca recebi) e se dirigiu (não como emigrado político) para o Brasil a procurar emprego. Os seus golpes, em Portugal, eram já demasiado conhecidos.

A traição brasileira

A ida de Miguel para o Brasil, depois da saída do "Diário Ilustrado", decorreu em completo sucesso, visto que Jaime Cortesão escreveu uma carta a Sarmiento Pimentel dizendo que estava ali um moço jornalista, hábil, que se tinha desentendido com o director do "Diário Ilustrado" e pedindo-lhe a sua intervenção para que lhe arranjassem uma situação qualquer em S. Paulo. Em face dessa carta, Sarmiento Pimentel, íntimo amigo de Júlio de Mesquita Filho, pediu-lhe um emprego para Miguel. Assim foi. Júlio de Mesquita, director do "Estado de S. Paulo", deu-lhe um lugar no Jornal que durante longos anos (mais de vinte) abrigou, e que ele hoje insulta. Deram-lhe a direcção dum seccção de assuntos portugueses. Acumulou Miguel o lugar com o de redactor do "Portugal Democrático", jornal mantido por Casais Monteiro, Jorge de Sena, Santos Baleizão, Sarmiento Pimentel, Carlos Cruz e outros. Era um Jornal ilustrado por Fernando Lemos.

Dava-se um caso curioso. Como o Jornal era proibido em Portugal, enviavam-no para cá em envelopes como, por exemplo, "Associação de N. S. de Fátima", para atravessar a cerca de arame farpado que Salazar montara.

"O Miguel nessa altura não era comunista" — afirma um dos colaboradores do Jornal. "Eramos todos socialistas. Todos democratas e estávamos (e estamos) convencidos de que o comunismo é um regime totalitário e queríamos liberdade. O Miguel era dos nossos. Pelo menos, afirmava-o."

Como disse, acumulava com o "Estado", que era um Jornal

partidos, apenas pretendia fazer uma frente única de oposição. Como visse que não podia dominar o Jornal, Veiga de Oliveira decidiu comprá-lo ao seu proprietário, um brasileiro, como a lei mandava. O grupo de democratas deixou então de lá escrever. Mas Miguel passou-se, então, com armas e bagagens, para o Jornal comunista, e ele que se afirmava o maior inimigo do totalitarismo!

Continuava a dizer de Pimentel: "Não passa dum pobre capitão no exílio". O "pobre capitão" abriu-lhe as portas dos comandadores, cujas casas Miguel frequentava deleitado. Comia, bebia e não perdia uma oportunidade de lhes pedir favores.

Quando um tal Queiroga (que era da Pide) chegou ao Brasil, grande foi a sua intimidade com Miguel, chegando este a escrever-lhe uma carta (cujá fotocópia está em poder dum amigo meu e que já mandei vir do Brasil) em que denunciava Galvão, com quem havia cortado, entretanto. Escusado será dizer que, com Delgado, também já tinha feito o mesmo. Quando Galvão morreu, foram três pessoas ao enterro. Miguel Urbano Rodrigues, em tempos seu grande amigo e colaborador, não esteve lá, claro.

No que respeita a Sarmiento Pimentel, que muito teria para contar, se quisesse, Miguel atreveu-se, quando o capitão chegou, como herói, a Lisboa, a assistir ao seu almoço de homenagem, o que causou o espanto de muita gente mas não o meu, que estou habituado a ver Miguel trair e depois abraçar o atraído.

Quanto aos textos que escrevia em Portugal, em defesa do Estado Novo, já "A Luta" nos deu uma pequenã amostra. A falta de tempo e a certeza de que os meus leitores acreditariam em mim, impede-me de ir procurar mais prosas miguelianas para as publicar. Miguel escreve e escreve muito. Demasiado...

A traição brasileira

A ida de Miguel para o Brasil, depois da saída do "Diário Ilustrado", decorreu em completo sucesso, visto que Jaime Cortesão escreveu uma carta a Sarmiento Pimentel dizendo que estava ali um moço jornalista, hábil, que se tinha desentendido com o director do "Diário Ilustrado" e pedindo-lhe a sua intervenção para que lhe arranjassem uma situação qualquer em S. Paulo. Em face dessa carta, Sarmiento Pimentel, íntimo amigo de Júlio de Mesquita Filho, pediu-lhe um emprego para Miguel. Assim foi. Júlio de Mesquita, director do "Estado de S. Paulo", deu-lhe um lugar no Jornal que durante longos anos (mais de vinte) abrigou, e que ele hoje insulta. Deram-lhe a direcção dum seccção de assuntos portugueses. Acumulou Miguel o lugar com o de redactor do "Portugal Democrático", jornal mantido por Casais Monteiro, Jorge de Sena, Santos Baleizão, Sarmiento Pimentel, Carlos Cruz e outros. Era um Jornal ilustrado por Fernando Lemos.

Dava-se um caso curioso. Como o Jornal era proibido em Portugal, enviavam-no para cá em envelopes como, por exemplo, "Associação de N. S. de Fátima", para atravessar a cerca de arame farpado que Salazar montara.

"O Miguel nessa altura não era comunista" — afirma um dos colaboradores do Jornal. "Eramos todos socialistas. Todos democratas e estávamos (e estamos) convencidos de que o comunismo é um regime totalitário e queríamos liberdade. O Miguel era dos nossos. Pelo menos, afirmava-o."

Como disse, acumulava com o "Estado", que era um Jornal

partidos, apenas pretendia fazer uma frente única de oposição. Como visse que não podia dominar o Jornal, Veiga de Oliveira decidiu comprá-lo ao seu proprietário, um brasileiro, como a lei mandava. O grupo de democratas deixou então de lá escrever. Mas Miguel passou-se, então, com armas e bagagens, para o Jornal comunista, e ele que se afirmava o maior inimigo do totalitarismo!

Continuava a dizer de Pimentel: "Não passa dum pobre capitão no exílio". O "pobre capitão" abriu-lhe as portas dos comandadores, cujas casas Miguel frequentava deleitado. Comia, bebia e não perdia uma oportunidade de lhes pedir favores.

Quando um tal Queiroga (que era da Pide) chegou ao Brasil, grande foi a sua intimidade com Miguel, chegando este a escrever-lhe uma carta (cujá fotocópia está em poder dum amigo meu e que já mandei vir do Brasil) em que denunciava Galvão, com quem havia cortado, entretanto. Escusado será dizer que, com Delgado, também já tinha feito o mesmo. Quando Galvão morreu, foram três pessoas ao enterro. Miguel Urbano Rodrigues, em tempos seu grande amigo e colaborador, não esteve lá, claro.

No que respeita a Sarmiento Pimentel, que muito teria para contar, se quisesse, Miguel atreveu-se, quando o capitão chegou, como herói, a Lisboa, a assistir ao seu almoço de homenagem, o que causou o espanto de muita gente mas não o meu, que estou habituado a ver Miguel trair e depois abraçar o atraído.

Quanto aos textos que escrevia em Portugal, em defesa do Estado Novo, já "A Luta" nos deu uma pequenã amostra. A falta de tempo e a certeza de que os meus leitores acreditariam em mim, impede-me de ir procurar mais prosas miguelianas para as publicar. Miguel escreve e escreve muito. Demasiado...

Saída do Brasil e novo golpe

Sempre aproveitador, dispôs-se imediatamente a vir para Portugal depois do 25 de Abril, para colher, enfim, o prémio das suas traições aos democratas. Ao pedir a demissão ao Júlio de Mesquita (neto) contou-lhe o conto do vigário das suas desditas económicas. Compadecido, o director do "Estado de S. Paulo", para justificar uma choruda indemnização ao homem que o servira tão devotadamente e durante tantos anos, simulou uma demissão imposta pelo Jornal. Miguel não teve escrúpulos em receber esse dinheiro, quando, na sua mente, já tinha traçado o caminho que agora trilha e o obriga a atacar, nos termos mais insultuosos, quem tão generosamente lhe pagou.

Um artigo do «Jornal da Tarde»

No "Jornal da Tarde" de S. Paulo de 3-4-75, prova-se que o PC faz a "censura" aos artigos saídos de Portugal para o Brasil e, a esse respeito, não resistimos a respirar:

"O incidente com o nosso enviado especial mostra que antes mesmo que o seu pedido seja atendido pelo Ministério e pelo MFA, o PC já está fazendo, por conta própria, o controlo que preconiza".

O "Avante" dizia: "As amplas liberdades existentes em Portugal não podem continuar a ser utilizadas como armas pelos inimigos da Revolução. Uma Revolução que não sabe defender-se dos seus inimigos é sempre uma Revolução em perigo".

Mas falávamos acima do incidente curioso. De facto, visto de longe, o incidente pode parecer demasiado impessoal. Quem, entretanto, conhece a personagem que dá a tônica à campanha — que não é nova — do "Avante" contra o "Jornal da Tarde" e o "Jornal de S. Paulo", usando um método muito pouco urbano (o sublinhado é meu), pode apreciar todo o conteúdo cómico do caso.

"Trata-se, com efeito, de um personagem que, nos tempos do salazarismo, foi funcionário da "Agência Geral do Ultramar", órgão encarregado da propaganda do salazarismo português, e do "Secretariado Nacional da Informação", como também chefe de redacção do "Diário Ilustrado" de Lisboa, cargo que não poderia ter exercido sem o "placet" da PIDE salazarista. Vindo, depois, para o Brasil, o citado personagem resolveu fazer-se passar por exilado, embora não o fosse, e, começando suas actividades entre nós como anticomunista, nas colunas de um jornal da colónia portuguesa, logo resolveu compensar os fiéis serviços prestados ao salazarismo com um incontrolável furor "revolucionário esquerdista".

"Foi então que interveio amplamente na vida política interna do Brasil e inclusive participou activamente na subversão, principalmente nos meios estudantis. Depois do 25 de Abril, resolveu voltar para Portugal, mas deixou o Brasil com mais um exemplo de suas oscilações ideológicas: uma semana antes da queda de Marcelo Caetano assinou um manifesto aparecido nas colunas de "O Estado de S. Paulo", no qual acusava o general Spínola de ser comunista e cúmplice do assassinato de Amílcar Cabral, apenas uma semana depois, com o general já no Poder, assinou um novo manifesto hipotecando-lhe total solidariedade. Seria supérfluo dizer que agora considera novamente Spínola um traidor.

"Mas essas oscilações não são novas na vida do versátil perso-

continua na pág. 20

MAIS 2 PRÉMIOS GRANDES

— 2400 CONTOS —
distribuídos ontem aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

2.º PRÉMIO — 600 — 1200 CONTOS
A seguir: 2.º PRÉMIO — 16086 — 1200 CONTOS
2.ª LOTARIA ESPECIAL DE NOVEMBRO
6000 contos 840\$00 e 500 contos por 70\$00

FOTOGRAFIA E CINEMA PARA AMADORES

A CASA DA SORTE informa que também já tem à venda no seu estabelecimento da
RUA GARRETT, 37 LISBOA

material sensível da consagrada marca KODAK, aceitando ali, igualmente, todo o trabalho de

LABORATÓRIO A CORES E A PRETO E BRANCO

BREVEMENTE AO SERVIÇO DE PORTUGAL

Casinos do Algarve



ALVOR, VILAMOURA, MONTE GORDO... Admiravelmente bem situados, os três Casinos do Algarve desejam-lhe na sua visita o melhor da sua sorte... Roleta, Black-jack, banca francesa, baccarat ou slot-machines esperam-no para uns fascinantes momentos de jogo, ao mesmo tempo que nos restaurantes uma requintada cozinha e um sensacional show (sempre em constante renovação) lhe proporcionam uma noite de verdadeira descontração e descanso. Uma visita a qualquer dos casinos, sempre a dois passos de onde quer que se encontre, é o complemento indispensável da sua boa estadia no Algarve. Bem-vindo aos Casinos do Algarve e... boa sorte!



CASINO DE ALVOR
Telef. 0-082-23141
CASINO DE VILAMOURA
Telef. 0-089-65319/86
CASINO DE MONTE GORDO
Telef. 0-081-42224

Miguel Urbano Rodrigues

continuação da página 24

nagem, pois suas variadas "opções políticas" incluem a adesão ao capitão Galvão, sequestrador do "Santa Maria", e depois o rompimento com ele; mas como os interesses do novo credo a serviço do qual está agora o ex-funcionário do órgão de propaganda do colonialismo salazarista exigem actualmente a transformação de Delgado em herói, é evidente que o rompimento constitui um episódio do passado. O versátil herói do "Avante" ama agora Delgado (e Brezhnev) como Winston amava o "Grande Irmão".

"Para ser funcionário do "Secretariado Nacional da Informação" salazarista, "O Estado de S. Paulo" — Jornal que o acolheu como refugiado político quando viveu no Brasil — é o porta-voz do imperialismo na América Latina e é agitado por um "delírio reaccionário". No que diz respeito a ele, através de tantas vicissitudes e mudanças políticas, não perdeu o senso do humor más, pelo contrário, aprimorou-o. Assim é que, no mesmo momento em que censura previamente os "telex" enviados pelos jornalistas estrangeiros a seus jornais, ele fala de "amplas liberdades existentes em Portugal" e esclarece que os comunistas "respeitam os profissionais da informação honesta", ficando claro, evidentemente, que qualquer informação que não corresponda aos

interesses do PC é desonesta. Justamente por isso os comunistas portugueses (e seu urbano companheiro proveniente dos sectores de propaganda do colonialismo salazarista) "denunciam e continuarão a denunciar os aventureiros, os provocadores, aqueles que se aproveitam das facilidades oferecidas aos inimigos da revolução para conspirar contra o avanço da revolução".

"Ao escrever isso, é possível que o ex-funcionário da "Agência Geral do Ultramar" pense com saudade na falta de vigilância da Revolução brasileira, que lhe permitia conspirar impunemente. Agora, ele acha que os jornalistas que acusa de fazerem em Portugal o que ele fez no Brasil "estarão melhor fora do País, nas fileiras da CIA ou de organizações similares dos seus países" (e o conselho certamente é dado com base na experiência adquirida nos quadros do "Secretariado Nacional de Informação", a organização similar da CIA no Portugal na época salazarista).

"Mas é comovente sobretudo ver o versátil personagem ensinar que "uma revolução que não sabe defender-se dos seus adversários é sempre uma revolução em perigo". Comovente, dizíamos, mas não prudente. O ensinamento, com efeito, pode ser recordado amanhã pela Revolução brasileira se o versátil personagem, caindo em desgraça em seu País, pensar em voltar a se beneficiar da cômoda situação de ex-exilado conspirador.

"É imprudent, sobretudo, porque os processos revolucionários

comunistas têm uma dinâmica mais ou menos uniforme, na qual não faltam os tribunais "populares" e, às vezes, os processos espectaculares. Se, amanhã, o PC exigir uma purificação de seus actuais membros que serviriam fielmente, no passado, o salazarismo, a situação tornar-se-á muito incômoda, principalmente porque o versátil escriba do "Avante!", que sempre se vangloriou de ser um "tático consumado," correrá o perigo de terminar como um "tático consumido."

Aviso

Embora as minhas simpatias (actualmente, porque me desiludiram muito) não vão para o PC, daqui "aviso" esse Partido contra o director do seu "Diá" da manhã, contra as possíveis traições do grande "Revolucionário", que foi e será Miguel Urbano Rodrigues. Dado que são a sua especialidade. Não hesitará em trair esse Partido se for necessário. Se alguém lhe pagar melhor.

E, para terminar, a respeito de pagamentos, gostaria de saber se o comunista e "puro" Miguel Urbano Rodrigues enjeitou a herança de seu pai, no que se refere às acções do teatro Maria Vitória, do Parque Mayer. Será possível que um homem que prega a moralidade e a revolução viva à custa da exibição das pernas (e mais coisas) das coristas do Parque?

Vera Lagoa

P.S. Fico à espera da bomba.